

ATRÁS DO BAÚ DE GUARDADOS

Lenita Estrela de Sá

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Sandra Costa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

IMAGEM: Jesse Bowser - Unsplash.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S111a ESTRELA DE SÁ, Lenita. –
Atrás do baú de guardados / Lenita Estrela de Sá. – Guaratinguetá,
SP: Penalux, 2019.

116 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-605-5

1. Contos. I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

NO INTERVALO DO ALMOÇO

NO INTERVALO DO ALMOÇO, após o último gole do suco de laranja, Marinalva ergueu os olhos num movimento automático de relaxamento e deu com as garrafas de aguardente penduradas — não as dos caranguejos encarcerados não se sabe de que jeito — mas com as duas que estampavam o rótulo “Santo Antônio dos Lopes”. Na mesma hora, o sino da igreja matriz badalou no peito esquerdo, na terra natal onde deixara o pai idoso, vítima de um acidente vascular cerebral que lhe tirara todo o humor, aos cuidados da jovem madrasta impaciente. Mas alguém tinha que sair atrás de algum alívio para a quase miséria em que viviam e Marinalva resolveu partir em busca dessa esperança; hoje tinha um emprego com promessa de carteira assinada, na capital, numa loja de artesanato cuja proprietária não lhe dava um minuto de descanso, obrigando-a a ficar de pé à espera dos compradores em viagem de turismo — dinheiro acumulado só para gastar no passeio, dispostos a se encantar com o primeiro chaveiro de casca de coco que encontrassem. Se não fosse a caminhada com o namorado, combinada para o fim da tarde, a vontade que sentia era a de tomar metade daquela garrafa de cachaça.

Quando avistava o sobrado vermelho — mandado edificar no ano de 1800 pelo capitão Antônio José de Souza, como lhe explicara com ênfase que beirava o encantamento o guia de turismo com quem namorava há dois anos — Marinalva sentia um nó no esôfago, emaranhado de ânsias resultante do embate entre o desânimo absoluto e uma última réstia de esperança, que a fazia retardar os passos, evitando chegar logo à loja de artesanato, onde, há meses, tentava vender pelo menos uma das redes tecidas com linhas coloridas, expostas na porta para acentuar o ar festivo de quem estivesse de férias, mas recobertas de fina camada de poeira, suficiente, porém, para causar-lhe espirros incômodos e ruidosos pelos quais já havia até sido advertida pela proprietária do estabelecimento; cuidasse de tratar aquela alergia, que a deixava atacada de coriza abundante, para não causar nojo em eventuais turistas europeus — mas com que dinheiro ela faria isso?

“Velas vermelhas em reverência ao poeta” — Marinalva trazia na cabeça a frase do namorado sobre as embarcações típicas da região, esforçando-se em descobrir as cintilações que ele via na frase, que dizia empolgado ao repetir-lhe o texto narrado aos turistas que guiava em visita à cidade. Na escola pública, atrás da igreja da Matriz, nunca tinha ouvido falar de alguém chamado Santos Dumont, nem do que seriam os pontos cardeais ou onde ficava mesmo o meridiano de Tordesilhas — palavra que o Amorim adorava pronunciar. Em geral, ela driblava a monotonia das tardes mornas na loja de artesanato lembrando-se da conversa do namorado, enquanto esperava alguém que comprasse uma bolsa de palha para aumentar sua pequena comissão. Só que, de repente, via o pai entredado na rede pendurada num canto da casa pobre, erguida a custo na beira do rio, onde a criara sozinho, sem a mãe que os abandonara para seguir um motorista de caminhão. Quando conseguiria que a patroa lhe assinasse a carteira de trabalho?

A patroa, a bem da verdade, só tinha ideias no sentido de explorar Marinalva o quanto pudesse — essas coisas entre patrão e empregado, sempre desequilibradas, desde que os hebreus carregaram pedra no Egito! Agora, em pleno domingo, o sol de um amarelo festivo a inspirar churrascos, caranguejadas e pagodes, Marinalva estava de plantão, a ver se vendia alguma daquelas redes, entranhadas de ácaros de carapaças pré-históricas, que, felizmente, estavam longe dela, expostos ao vento, enfraquecidos pelo calor — e nada receberia pelo dia de trabalho; se vendesse uma rede a algum cliente daquela agência bancária, é que levaria dois por cento de comissão sobre o preço do produto e asseguraria a permanência no emprego. Faziam-lhe falta as narrativas fabulosas de Amorim — perfeito diminutivo de amor — neste momento, com turistas em Alcântara, do outro lado da baía de São Marcos, provavelmente, sempre empolgado, declamando as razões da decadência econômica do baronato do algodão. Continuasse sentada no mocho que lhe incomodava a coluna, quem sabe, a patroa lhe mandasse uma quentinha cheia de comida de gente e uma garrafa de água mineral.

Segunda-feira de manhã, desejando a disposição de um cavalo de raça, daqueles tratados com vitaminas e ração de primeira, antes de começar mais um expediente, Marinalva arriou sobre o banco de cimento a pesada sacola que trazia com as mercadorias não vendidas no plantão do domingo e, embora a capela, em frente ao casarão no qual trabalhava, estivesse fechada àquela hora, ajoelhou-se para pedir ânimo a São Benedito, venerado pelas coreiras (dançarinas do tambor de crioula), o protetor dos escravizados, que nunca param de trabalhar, como ela, que não tem como pagar todas as contas, comprar um vestido amarelo para passear com Amorim, fazer um passeio de lancha na enseada de Juçatuba — vento nos cabelos ressoando nas palmas dos coqueiros — lanchar um daqueles sanduíches rebuscados de franquia internacional,

usar bons cosméticos, pagar uma academia, cuidar da saúde do pai (pai, não; era melhor não começar a semana pensando em problemas graves). Fez o sinal da cruz, respirou fundo e abriu a porta da loja com a cópia da chave que a patroa deixava com ela, de modo que pudesse chegar só bem mais tarde que a funcionária, pois segunda-feira nunca foi o melhor dia para turista comprar lembrancinha.

Em meio à manhã vazia, braços sobre o balcão, sem ninguém para atender, exceto os passantes que, da calçada mesmo, perguntavam com desinteresse o preço de algum boi de louça esmaltada, Marinalva se lembrou de seu Antonino, sentado mansamente no calçadão que dava para o Bacanga, maré vazante, olhar distante nos guarás pousados em bandos no leito seco do rio, certamente ruminando as próprias vicissitudes; era um bom vizinho, prestativo, de boa conversa, quisera ela que o pai gozasse daquela saúde, ao contrário de viver com um lado do corpo paralisado, numa casa sem conforto, tratado com remédios paliativos, recebidos no posto de saúde sem a regularidade devida, aos cuidados da esposa jovem que, lá no interior, afirmavam gastar toda a aposentadoria do lavrador em roupas vulgares e mimos a um ex-namorado do colégio. Quando cumprimentava seu Antonino — expressão resignada de quem carrega em silêncio a própria dor — ele lhe respondia que, de uma hora para outra, assim que quisesse, Deus encheria o rio de águas em movimento e mandaria à fome dos sofredores cardumes de peixes cintilantes.

Quando, excepcionalmente, voltava um pouco mais cedo do trabalho, como no dia em que a fiação do andar térreo do sobrado antigo em que funcionava a loja de artesanato sofreu um curto-circuito de assustar qualquer um, tendo sido necessário chamar às pressas um electricista, Marinalva parava para ver a brincadeira antiga dos meninos em volta de uma bola, no campo de terra batida, improvisado num terreno baldio

— infância imersa em magia, riqueza que a falta de dinheiro lhes propiciava — ou mergulhando fundo no mar em ruidosa alegria, para avistar sereias ou tesouros repletos de topázios e rubis, sob os últimos raios de sol, trocando vivências de peraltices e alguns já contando aos outros os segredos da masculinidade, que ia despertando pela cálida energia dos primeiros encantos do coração. Periferia onde moravam os excluídos e os pobres como ela, mas, nem por isso, desprovidos de uma alma onde alojar a honestidade e a solidariedade, a insistência em prosseguir e as bênçãos da fantasia. Ouviu tocar o celular, era Amorim, que, por hábito profissional, tinha sempre o dom de apaziguar as tristezas de Marinalva com alguma daquelas histórias fabulosas que os turistas pagam para ouvir.

Pelo meio da manhã, entediada pela falta de fregueses, a luz do sol alcançando os jarros de vime, as cangas estampadas com imensos azulejos em amarelo e azul, iluminando a fina camada de poeira assentada sobre os cinzeiros de casco de caranguejo, Marinalva chegou à porta da loja de artesanato, pensando em merendar alguma coisa que ajudasse o tempo a passar e ludibriasse a ansiedade que lhe provocava o apetite, monstro interno a alimentar, corroída de preocupação com a saúde do pai distante, à mercê dos caprichos de Sayonara, a jovem madrastra, que ficara de lhe telefonar naquele dia para lhe dizer como iam as coisas — se seu Teófilo precisava de medicação nova, se o peixe seco daria para mais uma semana, se não era possível aumentar um pouquinho mais a quantia que mandava, porque as despesas só aumentavam a cada dia! Marinalva pôs as mãos na cintura e deu com as cores vivas das bolas de sorvete da Gelateria Portugal — por que a vida não era sempre doce como naquela placa e escrita em italiano, para suavizar as dores que apertavam até os ossos do corpo?

Tinha hora em que não se via ninguém na rua, o que só acelerava a inquietação que não a deixava sentada por muito

tempo atrás do balcão de vidro. Se resolvesse tomar um sorvete, teria que se esgueirar sob os beirais do casario à sua direita, na mesma calçada da loja, porque não cometeria a imprudência de atravessar para a calçada do sobrado verde, oposta ao ponto onde estava em pé, à procura de algum movimento que a distraísse. Ultimamente, por recomendação de uma vizinha auxiliar de enfermagem, Marinalva evitava expor ao sol a pele clara o mais que podia, para não irritar ainda mais as placas avermelhadas que nas últimas semanas lhe salpicavam o corpo — nervos em dor na pele, diagnosticou a outra; que se preocupasse menos com os rumos da vida, que se permitisse um doce de jaca, uma sardinha grelhada com um fio de azeite reluzente, pois ninguém podia controlar o que o futuro guardava; e também que transasse mais com o namorado, pelo menos três vezes por semana, receita infalível para agonia em excesso — tomara, afligiu-se ela, que Amorim mostrasse fibra suficiente, ao ver-lhe o seio coberto por impingens.

Quando estivesse tensa — Marinalva reprocessou as sugestões da vizinha — com ímpetos furiosos de querer controlar o desconhecido, o que ainda estava por vir, as energias luminosas do universo vasto cujas leis não compreendemos tantas vezes, de modo que a passagem na Terra se torne suportável — graça concedida pelo Criador — sentasse numa pedra de cantaria, à sombra de uma mangueira, no intervalo do almoço, como faziam tantos trabalhadores fatigados para assistirem ao pintor de rua reproduzir na tela, em cores intensas, o casario azulejado do séc. XIX — em estilo colonial português, beirais nostálgicos contra o azul do céu, sacadas românticas que serviram de balcão a tantas juras de amor fumegante — num instante de ressurreição do esplendor do passado. Era necessário devolver aos astros as vibrações prateadas de nossa própria alma para que não desistíssemos do percurso, inúmeras vezes sobre as pedras lacerantes da Rua da Amargura, onde até Cris-

to pediu ajuda, como ela viu durante a Semana Santa, na peça que seu Felipe montava todos os anos na igreja do bairro. Era cedo para desistir, cedendo espaço à doença e à tristeza. Mais tarde, quem sabe, algum turista aparecesse para comprar um colar de contas indígena, uma blusa I-love-Sao-Luís, uma bandeja de azulejos decorada com fitilhos e miçangas, um porta-chaves em forma de janela colonial cuja comissão ínfima, de qualquer modo, aumentaria um pouco o salário baixo com que tinha de tocar a vida.

Sentiu o frescor do vento na palma dos coqueiros como por encanto, um cheiro azul de mar ocupou os cômodos aconchegantes do chalé amarelo, de onde se descortinava a baía de São José, salpicada de barcos, caiaques e lanchas voadoras em alegres acrobacias naquela manhã de domingo, quando o tempo, cansado de correr sem parar, aninha-se no que sobrou da alegria, espalha-se sobre fina camada de esperança, parado alguns minutos num gesto ou outro de amor. Marinalva gostava muito da companhia de Amorim, conhecedor de histórias minuciosas e palpitantes sobre os lugares pitorescos que mostrava até a turistas estrangeiros, pois falava inglês com desenvoltura, embora tenha sido aluno de escola pública, onde lamentavelmente é raro se estudar um livro do começo ao fim; além do que, era um bom companheiro, disponível e solidário, era a família que tinha na cidade (com quem a madrasta Sayonara também se comunicava quando necessário) e que, certamente, não iria exigir dela que estivesse sempre com um corpo de modelo, sem uma brotoeja sequer! Balançou a cabeça levemente, convidaria o namorado para outro fim de semana na praia de Juçatuba, e um meio sorriso animou-lhe os lábios, ávidos por um sorvete de morango com calda de chocolate.

Não sabia que ingredientes usavam naquele sorvete que saboreava em lentas porções com a colherzinha de plástico, no percurso de volta à loja; o certo é que, além do sabor inigua-

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em novembro de 2019.
